

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
PAUL NEWMAN E JOANNE WOODWARD
25 de março e 1 de abril de 2023

RALLY ROUND THE FLAG, BOYS! / 1958

(*A Morena Ardente*)

um filme de Leo McCarey

Realização: Leo McCarey / **Argumento:** Claude Binyon e Leo McCarey baseado num romance de Max Schulman / **Fotografia:** Leon Shamroy / **Direcção Artística:** Lyle Wheeler e Leland Fuller / **Décors:** M. Scott Stuart e A. Reiss / **Efeitos Especiais:** L.B. Abbott / **Consultor para a cor:** Leonard Doss / **Guarda-Roupa:** Charles Le Maire / **Música:** Cyril J. Wockeridge / **Montagem:** Louie R. Loeffler / **Interpretação:** Paul Newman (Harry Bannerman), Joanne Woodward (Grace Bannerman), Joan Collins (Angela Hoffa), Jack Carson (Capitão Hoxie), Tuesday Weld (Comfort Goodpasture), Dwayne Hyckman (Gredy Metcalf), Murvyn Vie (Oscar Hoffe), Gale Gordon (Coronel Thorwal), etc.

Produção: Leo McCarey para a 20th Century Fox / **Distribuição:** 20th Century Fox / **Cópia:** 35mm, Cinemascope, Color de Luxe, legendada eletronicamente em português, 106 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 19 de Dezembro de 1958 / **Estreia em Portugal:** Tivoli, 11 de Maio de 1959.

Rally Round the Flag, Boys! é uma das mais delirantes comédias jamais filmadas em Hollywood. McCarey põe de rastos duas das mais sacrossantas instituições (família e forças armadas}, com o ar desenvolto e distraído de quem põe manteiga no pão, e de quem se limita a querer fazer-nos passar duas horas divertidas. E pega de caras num dos cernes da sua obra (o erotismo) para um dos filmes mais "picantes" das décadas de ouro de Hollywood.

Embora não creditado no genérico, parece que o dedo de Axelrod (o autor das peças e dos "scripts" de **The Seven Year Itch**, de **Bus Stop**, ou de **Goodbye Charlie**) andou por aqui. Não custa a acreditá-lo, pensando-se em certos diálogos ("ouve os trezentos anos de sangue puritano que te corre nas veias" como diz à "baby sitter" que está interessada em estudar melhor a diferença entre rapazes e raparigas, o pai dela) ou em certas sequências - como a dos "sonhos" de Paul Newman - que efectivamente recordam o **Seven Year Itch**. Mas, ao contrário de Wilder e Minnelli (para citar dois geniais realizadores que trabalharam com Axelrod) McCarey, requintado conhecedor das situações duplas a que os escorregadios terrenos do sexo versus puritanismo dão lugar, ou de como estalam certos vernizes, não se apoiou nas explicações de Axelrod: atenuou o que podia ser mais óbvio, para que o erotismo melhor nos comesse (e às personagens do filme) e para que a "anedota picante" fosse bem mais ao fundo em subversão. E este é o segredo desta fabulosa comédia, só possível a um homem que sabia o que nesse terreno era possível avançar a rir e que sabia que por detrás das fachadas (espreitando um pouco nelas) se pode ver bem mais fundo do que atirando-as abaixo logo no início. Tudo está no tempo duma espreitadela, como naquele incrível plano das cuecas de Paul Newman, quando Joanne Woodward se convence que o marido de facto estava à espera dela.

Parece que o casal Newman-Woodward não conserva muito boas recordações deste filme. Marcorelles diz-nos que Joanne Woodward dizia: "No princípio, havia um excelente argumento de Axelrod. McCarey atirou, com tudo de pantanas e sentimentalizou excessivamente". Atirou de facto com tudo de pantanas, brincando inclusive ("film on the film") com a imagem "modelo" do casal Newman-Woodward. Quanto à "excessiva sentimentalidade" não brinquemos... Já Renoir dizia que "Leo McCarey é um dos poucos realizadores de Hollywood que compreende as pessoas".

E temos para começar a boleia de Collins a Newman, no carro encarnado e com um "travelling" a fazer inveja ao de Godard no **Week-end**, após uma "voz off" só nos dar contas. Já o mundo está às avessas (o plano do miúdo) e sobre a vida modelar dos dois casais (Collins-Oscar "the only woman in the world who says 'ah' that way" e Newman-Woodward) temos uma ideia quando vemos o protagonista entrar em casa, a atenção que lhe dão os filhos e a repetição de perguntas e respostas, com os vários pretextos que Woodward adianta para não viajar com o marido, percorrendo quase todos os dias da semana (o que ficou de fora é depois "engolido" na sessão do comité local). Sabemos ainda (no meio da frenética agitação do casal discutindo e do "olhar impávido" da câmara, movimento no plano de que só McCarey e Hawks tinham o segredo) que Woodward não é grande cozinheira e já não se preocupa muito com "deshabillés".

Ao solitário Newman, abandonado por uma mulher tão preocupada com deveres cívicos (problema do lixo) é aconselhada a companhia de Joan Collins (repare-se na maldosíssima elipse da sua saída do banho). O "Gable-Harlow" dos sonhos de Newman são eles, com as cores dos cabelos trocadas (a morena ardente no lugar da loura explosiva, o louro e azul Newman no lugar do tisonado Gable). E é a fabulosa sequência Newman-Collins com os pés à roda do pescoço, o cha-cha-cha, a dança dos sete véus e Newman agarrado ao candeeiro.

Mais genial é a transição do seio da família para o seio do exército. Justificada em termos de argumento pelo mistério que paira em torno do terreno (o "top secret"), Newman "in the army, now", vai encontrar a mesma confusão de "décors", numa das mais geniais sequências de McCarey que é a das cuecas, das calças molhadas, das mulheres trocadas, do caviar e do champanhe ("Pink Perfume", "Pink Boudoir", "Pink Peignoir", "Pink Me"). E a grande luta mulheres-exército, corre paralelamente à guerra dos sexos (a manifestação, a televisão) tendo como "bode expiatório" esse extraordinário Jack Carson, em que Marcorelles via - bem - uma reencarnação do "Bucha" (a mesma maneira de fazer deslizar uma moeda no balcão dum bar) que Joanne Woodward insulta à vontade na sequência da televisão (repare-se no "gag" da sua desapareição do "pequeno écran" como que fulminado pelo olhar do general que assiste à transmissão).

Soldados e machos, vitimas das armadilhas que eles próprios julgam montar, em ambos os casos em torno de terrenos vazios e de pseudo "top secrets"; o matriarcado americano em toda a sua glória na tripla imagem Woodward-Collins e a espantosa "baby sitter" (que finge aprender a beijar para depois dizer "It's not kissing I don't like, it's you" e cair nos braços dum sub-produto de Elvis Presley); os chamados feiticos a virarem-se contra os chamados feiticeiros; onde é que se viu (viu-se algumas vezes, mas não tantas) uma tal sátira ao "american way of life", pondo mesmo tudo de pantanas, como Woodward dizia?

Mas se até ao duelo telefónico Woodward-Newman-Collins-Carson e à chegada do tão falado Oscar (o marido de Collins) já se vira tudo virado do avesso, ainda faltava o genial "golo" final, o "day of the days", em que se misturam, em paródia, todos os géneros (da comédia musical ao filme histórico, do "western" ao filme de guerra) numa espécie de recapitulação da história da América, em que não sabemos o que mais admirar: se a arte de McCarey em subverter tudo (e esse tudo vai até à própria imagem do homem, com Carson fintado pelo chimpanzé) se "a possibilidade de ser possível" que uma tal história e uma tal arte se vire contra si própria.

Sabemos que o filme é de 58; sabemos que foi feito num país "com trezentos anos de sangue puritano nas veias"; sabemos que havia por essa altura muitos códigos e outras coisas; sabemos que o autor deste filme era, ele próprio, um homem do "establishment" sem nenhuma propensão a enfrentá-lo; e, sabendo tudo isto, perguntamo-nos em que mais lugar na terra (a não ser nesse Hollywood dessa época) era possível fazer uma tal paródia às instituições "mais venerandas", à própria história dum país, e às chamadas virtudes dele.

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico